

PRADO, Daniela da Silva. *Brito Broca: comparatismo à francesa*. 16 de maio de 2011. Tese de doutorado em Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ana Luiza Ramazzina Ghirardi¹



rito Broca: comparatismo à francesa, tese de doutorado apresentada por Daniela da Silva Prado, a par de muito bem escrita, tem o grande mérito de nos fazer desejar ler e redescobrir o texto de Brito Broca, crítico e escritor do início do século XX. Esse fato representa, por si só, uma contribuição importante desse estudo. A autora nos dá a oportunidade de conhecer um pouco do universo desse historiador da vida literária que, na afirmação de Arriguci Jr., viveu “a experiência do leitor que sabe contar, num determinado momento histórico, o que leu nos livros, nos homens que os escreveram e no mundo que os cercava” (p. 27).

No primeiro capítulo (*Brito Broca e a Crônica da vida literária*), a autora faz um sobrevoio sobre o que representavam, à época, os cadernos literários dos jornais e a presença de um crítico

¹ Doutora em língua e literatura francesa pela USP. Professora Adjunta da área de francês da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras. Guarulhos – SP – Brasil. 07252-312 – E-mail: alramazzina@uol.com.br

como Brito Broca. Brito Broca (1904-1961) tinha como instrumento para veicular seu pensamento as páginas dos jornais cujo impacto para os debates públicos das primeiras décadas do século XX era, como se sabe, bastante considerável. Brito Broca pertencia a uma geração de críticos-cronistas diletantes, caracterizados pela natureza impressionista de suas avaliações e pela ausência de formação acadêmica e disciplinar no campo da literatura. Eram os *grandes leitores*, críticos de renome como o advogado Araripe Jr., que utilizavam o jornal como espaço para críticas literárias que, não raro, enveredavam para o terreno da política e da moral.

Assim, pelas mãos desses críticos, a literatura surge nos jornais ao final do século XIX e início do XX, como assunto a ser discutido por todos, à semelhança do que talvez chamássemos, nos dias atuais, de um “fait divers”. Esse aparente descompromisso com um tratamento mais técnico dos textos literários revelava, não obstante, uma firme crença de que a ficção literária era um instrumento privilegiado para se pensar e criticar o cotidiano. Esta relação crucial entre ficção e política é apontada pela autora que observa que, desde aquela época, a “literatura perdeu seu lugar de destaque” (p. 31) e que acena com as implicações, sociais e literárias, de tal mudança.

No segundo capítulo (*Brito Broca e a França: percurso literário*), nos deparamos com um ótimo relato da relação do crítico com a literatura. A narrativa viva de Daniela é entremeada de detalhes da vida do autor, de seu percurso, algo tortuoso, de seu início de carreira em que atuava também como cronista esportivo. Essas pequenas curiosidades, longe de serem acidentais, vão temperando o trabalho da autora e nos fazem sentir prazer na leitura, como se estivéssemos lendo um folhetim, à maneira exatamente de Brito Broca. Nesse capítulo, descobrimos ainda a união de Brito Broca e Alexandre Eulálio, a grande amizade e a complementaridade dos dois, e a importância desse convívio que representou marco fundamental para a escrita de Brito Broca (pp. 61-63).

No terceiro capítulo, Daniela discute também, o impacto que para o crítico tiveram Coelho Neto e Zola, suas relações com o comparatismo literário e a Belle Époque para, no quarto capítulo discutir as relações do crítico com a literatura francesa do século XX. Daniela discute aí o recuo da influência francesa e os desdobramentos da *querelle de l’ancien et des modernes*. Estes dois movimentos finais completam a reflexão da autora sobre a peculiaridade de Brito Broca como crítico no contexto do Brasil do século XX.

Para além do enorme valor da retomada crítica da obra de Brito Broca, o trabalho de Daniela tem, como um de seus pontos altos a escolha do tema e o modo de seu enfoque. O discurso sobre a literatura nas páginas dos jornais representa um ponto crucial para os estudos literários no Brasil, sobretudo para quem se interessa por literatura francesa. A conexão entre *crítica*, visões da identidade nacional e relação com modelos estrangeiros, sobretudo o francês, por sua magnitude e importância, demanda para ser compreendida reflexões cuidadosas como a que se vê nesta obra. Esse é um ponto central de nossa formação político-literária, e o trabalho de Daniela nos permite levantar questões importantes.

Veja-se, por exemplo, as relações entre mídia e discurso. A situação de um crítico que se utiliza dos jornais para, a partir da crítica literária, falar sobre o Brasil não é nova. Pelo contrário. Poderíamos até mesmo dizer que ela é a norma a partir, pelo menos, da metade do século XIX: Sílvio Romero e José Veríssimo são dois exemplos bem conhecidos. Em *O método crítico de Sílvio Romero*, Antonio Candido nos lembra que “Até então, a pequena densidade intelectual do meio não

era propícia ao desenvolvimento amplo dos estudos da literatura. Quando a produção começou a aumentar e a atmosfera a agitar-se, foi se tornando evidente a sua falta (da crítica literária) – em vista da incapacidade dos retores e folhetinistas que deles (os problemas da crítica) se ocupavam.” (p. 29).

Araripe Jr.², cujo percurso como crítico é ilustrativo das práticas da época, não tinha formação literária específica – era bacharel em Direito – e, não obstante, escrevia com autoridade sobre literatura em vários periódicos: Fortaleza, Belém, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro; tendo colaborado ainda, entre outros, com o *Correio Pernambucano*, *Constituição*, *Novidades*, *O Tempo*, *A Semana*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*. O crítico cearense tinha a literatura francesa por referência, misturava estilo ensaístico e jornalístico, divulgava revistas e livros franceses. A partir daí discutia a cultura, a política e a realidade nacionais, passando, sem esforço ou cerimônia, do comentário a uma cena de *La Terre* à reflexão sobre a estrutura profunda da vida política brasileira. Ele se dedica a essa tarefa de crítico entre 1866 e 1911 – isto é, começa bem antes de Brito Broca e termina quando Brito Broca ainda não havia iniciado seu percurso.

O trabalho de Daniela permite ao leitor indagar, ainda, se o percurso de Brito Broca representa uma ruptura ou uma continuação de um padrão anterior. A autora elenca uma série de características (tom episódico; pitoresco – assuntos candentes e de interesse público; intermediário cultural; repetição dos comentários ao prêmio Goncourt, ensaio e reportagem literária) – que caberiam bem como descrição de vários outros críticos do período, ao mesmo tempo em que destaca a singularidade do olhar de Brito Broca. Esta possibilidade de debate entre continuidade e ruptura é um dos pontos altos do texto e nos remete a outra questão importante suscitada pela obra.

Antonio Candido fala que a década de 30 marca uma ruptura central na cultura brasileira – o modelo francês começará, a partir daqui, a ser paulatinamente substituído pelo anglo-saxão, sobretudo em sua versão estadunidense. Daniela nos convida a refletir sobre o trabalho de Brito Broca nesse momento de transição paradigmática: será que seu modo episódico de intervenção pelos jornais representa já essa mudança ou ela ainda não se manifestou em sua obra? O fato de esse diletantismo ser possível no Brasil da época aponta, de certo modo, para o modo normal de funcionamento da elite (também) cultural: seus membros falam um pouco sobre tudo – economia, política, literatura – sem necessidade de ter formação técnica em área alguma. Eles são, afinal de contas, elite e não precisam provar nada para autorizar seu discurso. Esta prática era comum desde o século XIX, para não falar de antes. Brito Broca é uma repetição dessa história? – e o estudo dessa permanência é muito interessante. Mas, se não é uma repetição, em que é que ele inova? Não na superfície: temas, livros, autores – mas em profundidade – na relação com o modelo francês como matriz para pensar a realidade brasileira a partir da literatura? O trabalho de Daniela, ao trazer, de forma cuidadosa e inteligente, argumentos para a tese da ruptura e da continuidade, estimula o leitor a construir sua resposta.

Uma terceira questão, igualmente relevante, emerge das reflexões de Daniela. A autora sustenta que Brito Broca tem “ares visionários” e que ele “revela uma postura crítica acentuada” em relação a textos franceses. Ao mesmo tempo, no percurso do texto, ela nos oferece um Brito Broca

² cf. minha tese de doutorado *La Terre: paradoxos de uma recepção crítica*, USP, 2008.

obcecado com a literatura francesa, mesmo com miudezas, tomado por uma atenção permanente à produção literária daquele país – a ponto de (repetindo a crítica francesa) lamentar a ausência de novos grandes autores. Seria esta obsessão um sinal de subserviência mais do que de *postura crítica*? Seria possível sustentar que até mesmo críticos como Sílvio Romero e, depois, Afrânio Coutinho – tenham demonstrado uma atenção mais problematizante sobre o modelo francês? A exemplo do que ocorre com a questão da continuidade e da ruptura, o texto elegante de Daniela permite ao leitor compreender os termos do problema e equacioná-lo a seu modo.

Este convite constante à reflexão, que se formula pela junção equilibrada de informação detalhada e análise inteligente, é talvez a característica mais marcante de *Brito Broca: comparatismo à francesa*. E é um convite irrecusável para leitores que se interessem pelas intrincadas relações entre literatura, crítica e política e por seu papel na construção de modos de ver o país cujos reflexos, é possível sustentar, permanecem ativos na vida cultural brasileira.